



## RELAÇÕES ENTRE CUIDADORAS E BEBÊS: COMO CRIAR VÍNCULOS E PROPORCIONAR AFETO DENTRO DOS BERÇÁRIOS

*RELATIONSHIPS BETWEEN CAREGIVERS AND BABIES: HOW TO BOND AND  
DEVELOP AFFECTION INSIDE NURSERIES*

Ana Thereza Malucelli de Albuquerque<sup>1</sup>  
Sidney Nilton de Oliveira<sup>2</sup>

### Resumo

Nos dias de hoje, muitos bebês são deixados aos cuidados de berçários muito cedo, às vezes antes dos seis meses. Por isso, considera-se fundamental que as cuidadoras que são responsáveis por estes bebês estejam preparadas para dar os melhores cuidados possíveis, de forma que estes sejam tão satisfatórios para o bebê quanto os cuidados maternos. Assim, o objetivo do presente artigo é explorar a temática do afeto dentro da psicanálise, perpassando as teorias de Bowlby (Golse, 1998), Freud (1915) e Winnicott (1975; 1997; 2006) e relacionando-as às práticas de berçários que cuidam de crianças a partir de quatro meses de idade. O principal questionamento desenvolvido é sobre a capacidade de um bebê tão pequeno formar vínculos e desenvolver seus afetos e apegos uma vez que passa grande parte do dia sob os cuidados de outra pessoa, muitas vezes desconhecida. O artigo também se baseia nas ideias de Pikler (Falk, 2011; França, 2010) e nas suas propostas para a maneira de agir das cuidadoras perante as crianças pequenas. Na conclusão, destaca-se que a maneira como tais vínculos são formados, baseados em relações afetivas, contribuem positivamente para a constituição do bebê enquanto sujeito e para a formação da sua personalidade.

**Palavras-chave:** Afeto; Pikler; bebês; berçário; Winnicott.

### Abstract

Nowadays, it is known that many babies are left in daycare centers and nurseries too early, sometimes even before six months old. Therefore, it is considered essential that caregivers who are responsible for these babies are ready to give the best possible care, so that they are as satisfactory for the baby in the same way maternal care is. The objective of this article is to explore the theme of affection within psychoanalysis, passing through the theories of Bowlby (Golse, 1998), Freud (1915) and Winnicott (1975; 1997; 2006) and relating them to the nurseries' care. The main question is: how does such a small baby form bonds and develop affections and attachments if they spend much of their days in the care of someone else who isn't their moms, people who are usually unknown? The article is also based on Pikler ideas (Falk, 2011; France, 2010) and in its proposal for the way caregivers should act towards small children. Concluding, it is noted that the way such bonds are formed, especially if based on affective relations, contribute positively for the baby's constitution as a subject and for the formation of his personality.

**Keywords:** Affection; Pikler; babies; nursery; Winnicott.

<sup>1</sup> Ana Thereza Malucelli de Albuquerque. Brasil. Psicóloga graduada pela UFPR. ana.malucelli@hotmail.com

<sup>2</sup> Sidney Nilton de Oliveira. Brasil. Professor Titular da UFPB. Professor permanente do PPG Psicologia e do curso de psicologia. sidney@ufpr.br

## INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, muitos pais e mães ou responsáveis precisam deixar seus filhos em berçários muito cedo, até mesmo antes dos quatro meses de idade, e fica uma preocupação constante sobre a maneira como estes bebês estão sendo cuidados. O presente artigo pretende explorar a temática do afeto dentro da psicanálise, relacionando-a às práticas de berçários que cuidam de crianças a partir de quatro meses de idade, principalmente no que diz respeito à maneira como as cuidadoras deveriam realizar os cuidados fundamentais com bebês tão pequenos.

Para tal finalidade, apontamos como linha condutora desta problematização conceitual a teoria de Winnicott, especialmente seus pensamentos sobre a *formação do Eu* e sobre a relação entre mães e bebês, considerada pelo autor fundamental para o crescimento e amadurecimento da criança. Este crescimento ocorre com maior intensidade ao longo do primeiro ano de vida, quando o bebê inicia um processo de diferenciação da sua mãe e reconhecimento do mundo externo, fatores estes que são essenciais para que ele chegue a um estado de independência.

Esta perspectiva é fundamental para o entendimento da inserção dos bebês no berçário, principalmente sobre o tema da adaptação e da relevância da presença materna neste processo. Partindo de pressupostos winnicottianos e autores como Gurgel (2011), Klein (2010), Golse (1998) e Monsú (2012), postula-se a ideia de que o lugar onde a criança é colocada pelas cuidadoras influencia significativamente seu desenvolvimento afetivo e cognitivo.

Esse lugar a ser ocupado pela criança inclui desde a subjetividade dos afetos à troca de fraldas, ao banho e à alimentação. Todos estes momentos são descritos pelos autores estudados como fundamentais para o desenvolvimento de um vínculo afetivo de qualidade entre a criança e sua cuidadora e são momentos pouco valorizados nos berçários e creches que cuidam de crianças pequenas, justamente por serem momentos de cuidado, e não de atividades.

A partir daí, entendeu-se decisiva a teoria e prática de Emmi Pikler, pediatra húngara que cuidou de um orfanato na época do pós-guerra e desenvolveu princípios de cuidado para que as crianças pudessem ter um desenvolvimento de qualidade apesar de não possuir os cuidados maternos, pois as brincadeiras dirigidas e os movimentos livres também operam com destaque no desenvolvimento dos bebês.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE VÍNCULOS,

## APEGOS E AFETOS

O termo “vínculo”, que será utilizado no presente texto, tem como referência a definição dada por Zimerman (2008a, p.398) de que este termo “alude a alguma forma de ligação entre as partes que, a um mesmo tempo, estão unidas e inseparáveis, apesar de que elas apareçam claramente delimitadas entre si.”. Este autor apoia a definição de vínculo estruturada por Bion: “uma estrutura relacional-emocional, entre duas ou mais pessoas, ou entre duas ou mais partes separadas de uma pessoa.” (Zimerman, 2008a, p.398).

Há, também, uma definição dada por Pichón Riviére (Siqueira & Andriatte, 2001), que entende o vínculo como a forma pela qual um indivíduo se relaciona com outro, ou seja, uma estrutura diferenciada para cada caso e cada momento. O autor afirma que não existe um tipo padrão e único de vínculo, pois as relações estabelecidas não acontecem todas da mesma maneira. A formação de um vínculo depende de uma relação, é construído entre a mãe (ou adulto que cuida) e o bebê quando aquela supre as necessidades básicas deste, mas também depende das emoções envolvidas neste cuidado. Este adulto, através da criação do vínculo, auxilia o bebê no estabelecimento de suas representações mentais e ajuda-o no desenvolvimento de seu psiquismo (Gurgel, 2011).

Klein (2010) afirma que todos os sujeitos necessitam da construção de vínculos para se constituir; sem eles, há dificuldades na modelação dos afetos. É a partir da criação de vínculos que se desenvolve o apego, base para que a criança desenvolva um sentido do que ela é e de como poderá evoluir (Gurgel, 2011).

Para a definição de apego, será utilizada a Teoria do Apego desenvolvida por John Bowlby. Segundo este autor, o apego é uma necessidade “primária e fundamental no desenvolvimento da personalidade” (Golse, 1998, p.128) e pode ser definido, em um primeiro momento, como a forma de processamento do vínculo afetivo primário estabelecido entre o bebê e sua mãe (Zimerman, 2008b). Bowlby (Golse, 1998) afirma que os potenciais com os quais o bebê nasce são organizados gradualmente em torno da figura que se encarrega de seus cuidados, geralmente a mãe. Conforme o bebê se desenvolve, o apego manifesta-se de forma cada vez menos acentuada, uma vez que a evolução cognitiva da criança permite-a criar outros modos de exploração do meio de forma que não mais dependa de sua mãe. Assim que a linguagem é adquirida, é importante para a criança saber que sua mãe está disponível caso tenha alguma necessidade, ou seja, quando o apego é bem estruturado desde o início da vida de um bebê, este chega aos dois anos,

aproximadamente, com segurança emocional suficiente para ficar sem seu adulto de referência como figura constante (Golse, 1998).

Considerando a teoria de Bowlby, pode-se afirmar que a forma como as primeiras relações são estabelecidas afetam a formação de vínculos ao longo da vida do indivíduo. O autor afirma que uma ameaça de perda do objeto de apego pode gerar uma aflição e preocupação na criança e que uma perda real deste objeto gera uma situação de desespero, uma inquietação tão grande que pode levar até ao início de um processo de depressão.

Sobre o termo “afeto”, Piccinini *et al.* (2001) afirmam que os afetos estão envolvidos diretamente nas interações afetivas que ocorrem entre os adultos e as crianças. Estes afetos são exprimidos de diversas formas, como através da atenção e da sensibilidade aos sinais manifestados pelas crianças, pela qualidade das respostas dadas por parte do adulto, por meio da tonalidade emocional dominante e a harmonia nos momentos de trocas afetivas e pelo compartilhamento de experiências emocionais, mantendo uma estabilidade nas manifestações afetivas por parte do adulto (Piccinini *et al.*, 2001).

## A TEORIA DE WINNICOTT E A FORMAÇÃO DO EU

O apego primário é formado entre o bebê e sua mãe e, como Winnicott (Golse, 1998) mostra em seus estudos, é esta integração entre os dois que auxilia o bebê no seu processo de reconhecimento do mundo externo e na formação do seu próprio Eu. “O início do surgimento do ego inclui quase dependência absoluta do ego auxiliar da mãe e da regressiva e cuidadosa diminuição dela visando à adaptação do filho ao ambiente.” (Gurgel, 2011, p.34). Winnicott ainda aponta que, no início da vida do bebê, a mãe é, por si só, um ambiente favorável, uma vez que ambos constituem uma unidade.

Assim como o bebê é dependente de sua mãe no início de sua vida, a mãe também possui uma condição explicitada por Winnicott e denominada *preocupação materna primária*. Ao utilizar este conceito, o autor refere-se aos sentimentos maternos durante a gestação, parto e pós-parto, é um estado em que a mãe se apresenta em uma verdadeira fusão emocional com seu bebê, quase como se eles fossem a mesma pessoa, e que dura apenas as primeiras semanas após o nascimento. Winnicott (Monteiro, 2004) afirma que, para entrar neste estado e recuperar-se dele, a mãe precisa saudá-lo; é neste momento que ela se identifica e adapta-se às necessidades iniciais do bebê, o que é

de extrema importância pois propicia-lhe sustento e evolução. Jan Abram (Monteiro, 2004, p.27) ressalta que “a saúde emocional e física do bebê depende da capacidade da mãe de entrar e sair deste estado especial. O bebê saudável alcança um senso de *self* e um senso de ‘continuidade do ser’ somente neste setting apropriado de *preocupação materna primária*.”. A mãe, quando saudável o suficiente para entrar e sair deste momento, oferece para o bebê um ambiente facilitador, no qual ele é capaz de ser e crescer.

Durante os primeiros meses de vida, o bebê encontra-se em um estado de dependência absoluta, em uma fusão com a mãe. Winnicott (1985) afirma que ele não pode existir sozinho, sempre que se fala de um bebê, é necessário falar de um bebê e de mais alguém. É por volta dos cinco/seis meses de vida que, com auxílio da sua mãe – quando esta cumpre o papel de *mãe suficientemente boa*<sup>1</sup> descrito por Winnicott – o bebê inicia uma passagem deste estado de dependência a um estado de independência.

Winnicott (1975) afirma que, nos primeiros meses do desenvolvimento emocional, o rosto da mãe possui função de espelho para a criança. “O que vê o bebê quando olha para o rosto da mãe? Sugiro que, normalmente, o que vê é ele mesmo. Em outros termos, a mãe está olhando para o bebê e aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali.” (Winnicott, 1975, p.154). A criança se percebe através dos sentimentos que a mãe lhe transmite; Assim, baseada nessa troca, é que ela vai construir seu próprio Eu, bem como sua personalidade (Klein, 2010).

As teses winnicottianas (Golse, 1998) mostram, ainda, que o ambiente também deve intervir para que a maturação do Ego ocorra por meio do *holding* (que pode ser entendido como uma experiência física e uma vivência simbólica que possibilitam uma sustentação confiável; uma ação da mãe ajudar o bebê a se sentir real, fornecendo suporte), do *handling* (estilo de como a criança é tratada, manipulada e cuidada) e do *object-presenting* (modo com que os objetos são apresentados e definidos à criança). O autor afirma que o sucesso do *holding* acarreta um provável sucesso das seguintes etapas. Quando feito corretamente, a maneira como o bebê é segurado deve servir como forma de proteção contra experiências angustiantes, passando por uma evolução e uma adaptação progressivas ao crescimento. O *holding* tem como consequência um processo de integração, conduzindo a criança a um estado de unidade (Golse, 1998).

Assim como esta forma de intervenção do ambiente, o *handling* e o *object-presenting* também possuem processos consequentes: a personalização, ou seja, “a instalação da psique na soma e o

desenvolvimento do funcionamento mental” (Golse, 1998, p.78); e a construção das primeiras relações objetais que levam à competência de utilizar tais objetos, respectivamente. Quando bem-sucedido, o conjunto destes três processos leva a uma maturação e ao que Winnicott chama de capacidade de estar só (Golse, 1998).

“A capacidade de estar só de um sujeito, depende de um outro sujeito, que permitiu-lhe permanecer só, na sua presença.” (Svartman, 2000). Este outro sujeito, no início da vida do bebê, é sua mãe. Esta capacidade diz respeito a uma “solidão sofisticada” (Svartman, 2000), pois se refere a uma relação entre duas pessoas cujas presenças são importantes e que possuem a capacidade de estarem sós e ligadas ao mesmo tempo.

Ao longo do primeiro ano de vida, o bebê diferencia-se gradativamente de sua mãe, passando a uma fase de dependência relativa, por não mais esperar uma satisfação instantânea de suas necessidades. Através do estabelecimento de relações objetais e da compreensão de sua dependência, ele entende, agora, que sua mãe precisa de um sinal de sua parte para que suas necessidades sejam vistas e atendidas. A independência só é alcançada por volta do segundo ano de vida da criança, quando ela começa a enfrentar o mundo e identificar-se com a sociedade, desenvolvendo sua socialização e seu senso social. (Golse, 1998). Quando isso ocorre, a criança atinge uma unidade e o ambiente passa a estar introjetado; com o sentimento de segurança consequente dos cuidados maternos, a criança sabe que alguém está sempre presente para auxiliá-la se necessário.

## OS BEBÊS E O BERÇÁRIO

O questionamento feito a seguir é sobre como o vínculo, o afeto e o apego se dão em bebês cujas mães possuem a necessidade de voltar a trabalhar logo após o fim da licença maternidade, ou seja, que por volta dos seus quatro meses ficam em berçários. Tais bebês, especialmente aqueles que ficam em período integral e não possuem o cuidado materno durante a maior parte do dia, também devem ter a oportunidade de estabelecer vínculos e criar relações afetivas dentro do ambiente no qual estão, uma vez que a importância destas relações é fundamental para o seu desenvolvimento psíquico, cognitivo e emocional.

Para existir o apego entre o adulto e o bebê, é necessário um grau de confiança na relação entre ambos, isso é permeado pelo afeto que existe disponível de um para outro. Dentro dos berçários, deve-se entender que cuidar e educar possuem a

mesma finalidade. Para que haja uma relação afetiva de qualidade entre um adulto e uma criança, os bebês devem ter uma pessoa de referência, uma figura de apego principal, que será necessária para organizar os apegos secundários com as outras cuidadoras e com as outras crianças (Golse, 2008). “Isso significa que para cada grupo de crianças há sempre uma mesma educadora responsável diariamente pelo banho, troca e alimentação das crianças.” (Mello & Singulani, 2014, p.889).

Para que a relação entre a cuidadora e o bebê se estabeleça, deve-se partir da concepção de que “cada criança é um ser único, com características e necessidades singulares e próprias dela.” (Monsú, 2012, p.22). O desenvolvimento depende da segurança afetiva e da qualidade das relações instauradas não somente com os adultos, mas também com os outros bebês e com o ambiente no qual estão inseridas.

Para que o bebê tenha condições de continuar seu desenvolvimento de forma saudável em um berçário, mesmo sem a presença de sua mãe, é necessário que os vínculos sejam estabelecidos, em especial, com a cuidadora do bebê. Isso traz à tona uma necessidade de repensar a forma como estas instituições se propõem a realizar os cuidados, especialmente no que diz respeito à qualidade das relações estabelecidas.

Os cuidados dentro de um berçário se diferenciam dos cuidados maternos em muitos aspectos. Primeiramente, porque o vínculo que está presente entre mãe e bebê começa sua constituição ainda durante a gestação, seguindo instintos biológicos de devoção àquele bebê (Klein, 2010). Além disso, como dito anteriormente, o apego entre estas duas partes é primário, independe de uma vontade e de um esforço. Dentro do berçário, as cuidadoras têm que cuidar de bebês que não são delas, com os quais não possuem nenhuma forma de apego e pelos quais não possuem carinho, em um primeiro momento. As cuidadoras não possuem instintos biológicos para com eles. Por esse motivo, todos os encontros dados a partir do momento em que um bebê ingressa em um berçário devem ser positivos para que haja a construção dos vínculos que levam a uma relação afetiva entre as duas partes.

Winnicott (1997) mostra que as escolas maternas devem proporcionar às crianças um espaço para que elas possam se desenvolver sem que percam sua individualidade. Isso se dá através do cuidado, do afeto e do estímulo aos quais as crianças são expostas nestes ambientes. Antes de ir para a escola, o relacionamento social da criança é restrito aos pais e parentes mais próximos. Ao chegar neste novo

ambiente, é necessário um tempo para adaptação, tanto ao espaço quanto às pessoas que ali se encontram, especialmente porque neste novo contexto surgem novas relações. “O sucesso desse processo depende do acolhimento que a instituição oferece.” (Gurgel, 2011, p.68).

A mãe funciona como facilitadora deste processo de adaptação, que ocorre quando o bebê inicia sua vida em um novo ambiente. Por ser a pessoa mais ligada a ele, a mãe deve transmitir segurança ao entregar seu filho a um novo cuidador. É natural que, em um primeiro momento, não haja este sentimento de segurança e, por isso, é de fundamental importância a presença da mãe, do pai ou de outro familiar com quem ele possui vínculo para que a adaptação seja realizada. Como mostra Gurgel (2011), este membro da família deve ficar com a criança durante os primeiros dias, garantindo sua própria segurança e confiança naquele ambiente e naquela pessoa, para que então possa confiar seu filho àqueles cuidados. Considerando que o bebê possui sua mãe como espelho e que ele enxerga a si mesmo a partir do olhar materno, é através da atitude emocional dela perante à instituição berçário e à cuidadora e pela forma como ela demonstra seus afetos em relação a esta pessoa que o bebê orienta seus próprios afetos (Klein, 2010).

A partir do momento em que o bebê se encontra adaptado ao berçário e, portanto, já possui segurança no ambiente e confia, mesmo que ainda parcialmente, na sua cuidadora, inicia-se um trabalho em direção ao estabelecimento de apegos secundários, principalmente através da formação de vínculos. A necessidade desta ligação afetiva ser desenvolvida entre cuidadora e criança justifica-se no fato de que é uma demanda para que o ato do cuidado seja positivo. “Para dar conta das necessidades básicas da criança, o adulto precisa estar atento a ela. Esta relação envolve afetividade e sensibilidade para perceber o que a criança precisa pois, para isso, é preciso antes saber como reconhece-la e de que forma atende-la.” (Gurgel, 2011, p.64).

## OS CUIDADOS

Klein (2010) afirma que os cuidados permitem a formação do vínculo, pois constituem um elo afetivo entre a mãe e o bebê através do toque, do calor humano, da linguagem, do olhar, do sorriso e do colo. É a maneira como os cuidados são realizados que irá articular, definir e caracterizar a forma da vincularidade estabelecida. Os momentos de cuidados, como a alimentação e a higiene, são de importância fundamental na rotina de bebês em uma creche. Tais momentos são descritos por Monsú (2012) como parte

do conteúdo pedagógico e das aprendizagens culturais, não podendo ser separados do educar.

Baseando-se no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, entende-se que o conceito de cuidados é a ajuda ao outro no que diz respeito ao seu desenvolvimento como ser humano. Este desenvolvimento deve ocorrer de maneira integral e depende tanto de cuidados relacionais, “que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde” (Brasil, 1998, p.24), quanto da maneira como estes cuidados são ofertados. Quando estes são realizados de forma a envolver a dimensão afetiva, produzem uma troca significativa entre quem cuida e quem é cuidado (Borges, 2010).

Pikler (França, 2010) coloca que se o momento do cuidado corporal, no qual se incluem o banho, a troca de fraldas e a alimentação, é realizado com qualidade, a função materna é atendida, uma vez que são estas as tarefas que mostram ao bebê que sua mãe o conhece. Assim, as cuidadoras estão se aproximando das crianças não com o objetivo de substituir a mãe, mas sim para suprir a falta que ela faz ao filho bebê naquele momento em que ele se encontra na instituição.

As relações afetivas devem ser estabelecidas para que a confiança e a segurança também se estabeleçam. Para Pikler (Monsú, 2012), são estes momentos dos cuidados que assistem não apenas à dimensão corporal da criança, mas também à dimensão psíquica. “Assim, um banho não é apenas uma limpeza de seu corpo. É também um banho de linguagem, de olhar, de tato, de afeto, configurando-se em base para instauração de um vínculo de qualidade e para o adequado investimento narcísico do bebê.” (França, 2010, p.10). Também é nestes momentos de cuidado que o *holding*, descrito por Winnicott, concretiza-se dentro do berçário: a forma como a cuidadora segura o bebê deve exercer uma função de continência, de grande importância para o sentimento de segurança e de continuidade do ser (França, 2010).

Mas a qualidade destes cuidados depende da disponibilidade da cuidadora. Após ter que cuidar de vários bebês, normalmente um atrás do outro, os movimentos tendem a se tornar mecânicos e “a ocasião de estar junto frequentemente acontece sem palavras, de maneira impessoal.” (Tardos, 2011). O bebê muitas vezes reage chorando e enrijecendo seus músculos, o que torna este momento desagradável não somente para ele, mas também para a cuidadora. Pikler descreve alguns fatores, que serão explorados a seguir, que ajudam as cuidadoras a quebrar esta situação mecânica e transforma-la em um momento no qual há

respeito pelas vontades e necessidades da criança pequena. O amor e o carinho que elas desenvolvem para com os bebês dos quais cuidam não pode ser forçado e nem prescrito, mas pode ser ajudado por meio de algumas regras que criam rotinas (Tardos, 2011).

## TROCA DE FRALDAS E BANHO

Especialmente nos momentos de troca de fraldas e do banho, há uma busca constante pelo bem-estar do bebê, pelo seu relaxamento e pelo seu envolvimento no processo dos cuidados (Kálló & Vámos, 2006). É nestes momentos que as educadoras devem tocar as crianças da forma mais suave e delicada possível, pois este toque diz à criança que ela é importante e que está segura naquela situação que, muitas vezes, proporciona medo e insegurança por se tratar do íntimo e particular (Monsú, 2012).

É fundamental colocar palavras que descrevam as ações, proporcionando uma experiência e um descobrimento corporal. Além disso, ao acompanhar seus gestos com palavras, o adulto permite que o bebê seja ator neste processo tão importante que envolve seu corpo (Kálló & Vámos, 2006). A cuidadora deve pedir permissão para tocar o corpo do bebê, principalmente na hora de higienizar as partes íntimas, e para realizar movimentos que possam parecer mais bruscos, como vira-lo e levantar suas pernas.

“A importância da troca de olhares com o bebê, de dar a ele o tempo necessário para suas respostas, de antecipar com palavras todas as ações a serem realizadas, permite a participação e o consentimento do bebê nos momentos de atenção individualizada.” (Monsú, 2012, p.24). Também desta forma, a criança tem a oportunidade de participar ativamente dos cuidados, respondendo a comandos – mesmo que através do olhar e de expressões faciais, quando ainda é muito pequena – e expressando seus desejos com a certeza de que será escutada e atendida. Além disso, todos os sinais que a criança emite neste momento devem ser considerados. Isso permite que a cuidadora vá ao seu encontro e a confiança entre ambos se estreite gradativamente (Kálló & Vámos, 2006).

“Na verdade, a educadora deve ter a capacidade de estar atenta e disponível à criança de tal forma que esta pode perceber a presença não-intrusiva do adulto e sentir-se protegida.” (França, 2010). Ao ter liberdade nos momentos de cuidados e, ao mesmo tempo, saber que pode ser contido pelo adulto quando necessário, o bebê sente-se aceito por sua cuidadora, que lhe permite viver seus desejos e solicita sua ajuda. O adulto também sente prazer ao ver que o bebê se

torna seu parceiro nestes momentos, ajudando-o a construir um vínculo através de uma troca de fraldas de qualidade (Kálló & Vámos, 2006).

No momento dos cuidados, a cuidadora deve dedicar-se à criança durante o tempo que for necessário, procurando atender às exigências individuais de cada bebê, considerando-os como seres humanos diferentes uns dos outros. O processo é demorado porque “temos que levar em conta as necessidades e reações da criança” (Monsú, 2012, p.26), oferecendo-lhe o tempo que precisar para responder ao que foi solicitado garantindo, assim, uma participação efetiva da criança. Falk (2011) afirma que as cuidadoras não devem se preocupar com o tempo do relógio nestes momentos de atenção individual, mas sim com o carinho e com a consideração que estão tendo perante a criança e suas necessidades.

Também para que haja respeito na relação adulto-criança nos momentos de troca de fraldas e banho, o adulto deve saber o que esperar em relação às capacidades do bebê de acordo com seu desenvolvimento. Desta forma, consegue se ajustar delicadamente às situações, prevendo comportamentos que condizem com as habilidades daquele bebê (Kálló & Vámos, 2006). Quando todos estes itens são atendidos durante os momentos de higiene da criança, é criada uma rotina que pode ser descrita como uma “coreografia intencional dos gestos dos adultos” (Mello & Singulani, 2014, p.890). Isso permite que a criança antecipe os gestos da cuidadora e comece a colaborar nos cuidados do seu próprio corpo, passando a ser sujeito ativo e iniciando sua atividade autônoma.

## ALIMENTAÇÃO

Para a boa formação de um vínculo entre criança e cuidadora, no momento da alimentação, assim como da higiene, é fundamental o respeito. Algumas crianças que apresentam dificuldades neste momento necessitam de um período de adaptação mais longo, pois possuem seu próprio ritmo, diferente do ritmo da cuidadora. Dolto (Borges, 2010, p.81) mostra que “acreditamos, erroneamente, que nosso dever é impor-lhes um ritmo, quando seria muito melhor acompanhar o ritmo delas, conhecendo cada uma.”. Golse (Szanto-Feder, 2011) afirma que, em nossa sociedade apressada, os bebês e crianças acabam por se tornar “prisioneiras” dos desejos dos adultos com os quais convivem. Para que o respeito ao ritmo do bebê seja possível dentro dos berçários, deve-se levar em consideração suas vontades, o que só é possível quando a cuidadora tem toda sua atenção direcionada para aquele bebê (Monsú, 2012).

Pikler (Deligne, 2014) defende que, enquanto as crianças não conseguem se alimentar sozinhas, segurando sua própria colher, este momento deve ser feito individualmente, no colo da educadora, com respeito às necessidades e reações da criança, bem como com antecipando verbalmente as ações e solicitando a ajuda do bebê, inserindo-o como sujeito ativo também neste momento. "(...) considera-se que o momento da alimentação é bastante propício para que haja trocas entre o bebê e seu cuidador. Assim, este contexto específico é essencial para o desenvolvimento inicial da criança como membro da cultura da qual faz parte." (Seabra & Moura, 2005, p.81). Quando a criança começa a se alimentar sozinha, o que acontece por volta de um ano e meio de idade, a alimentação passa a ser feita em uma mesa pequena, com a criança sentada sozinha na sua cadeira e a sua cuidadora de referência sempre presente para ajuda-la quando necessário.

A próxima etapa, que ocorre por volta dos dois anos de idade da criança, é a alimentação em pequenos grupos (duplas ou trios). Isso faz com que a criança inicie seu papel como membro do mundo social, fazendo parte de momentos de refeição junto às demais pessoas presentes e aprendendo a conviver com outros (Deligne, 2014). Como consequência desses momentos, primeiro individuais e depois em grupos pequenos, a relação afetiva entre a criança e o adulto é consolidada, especialmente por meio da qualidade da comunicação. "Nestes momentos de interação e de intersubjetividade, constrói-se na criança um vínculo entre o outro e ela mesma, que se inscreve em seu corpo e permanecerá ativo pelo resto de sua vida." (Kálló & Vámos, 2006).

## MOVIMENTO E BRINCADEIRA LIVRE

"Que não haviam de impor nada às crianças, mas que haviam de fazer esforços para que as crianças tivessem vontade de fazer o que se espera que elas fizessem." (Falk, 2011, p.25). Este pensamento de Falk aplica-se aos movimentos dos bebês. Pikler defende que as crianças devem possuir autonomia também nos momentos de brincadeiras livres; o que muitas vezes é observado dentro de berçários é a orientação por parte das cuidadoras ao brincar dos bebês (Falk, 2011). França (2010) defende que a criança necessita de um espaço seguro para que consiga executar seus movimentos livremente e que os brinquedos oferecidos nestes momentos não devem ser caros e complexos, mas sim selecionados levando em consideração o nível de desenvolvimento de cada criança. "O brincar tem uma função estruturante e organizadora para a criança, daí a sua importância." (França, 2010, p.11). É nestes momentos que ela entra

em contato consigo mesma e com o mundo que a cerca, impulsionada por um desejo propulsor de conhecer e descobrir (Vabre, 2006).

Vabre (2006) afirma que os movimentos dos bebês possuem uma natureza psíquica e que, através deles, afirmam sua capacidade de estar no mundo. Para que tais movimentos se completem, os bebês necessitam de uma certa capacidade de estar sós, descrita por Winnicott e apresentada anteriormente. Winnicott (Svartman, 2000) formula a hipótese de que se há alguém perto do bebê, disponível mas sem fazer-lhe exigências, isto cria um meio interno favorável que motiva-o a explorar e desenvolver-se. Quando a relação afetiva é bem estabelecida entre a cuidadora e o bebê, este possui uma sensação de uma relação de estar sendo cuidado mesmo fora dos momentos de cuidado (troca de fraldas, banho e alimentação) e isto permite que ele execute seus movimentos com confiança e segurança, pois sabe que sua cuidadora está presente (Vabre, 2006). O respeito presente na rotina de cuidados mantém-se ativo também durante os momentos de brincadeira. Isso significa que se deve propiciar à criança condições para que ela descubra o mundo de acordo com seu ritmo e interesse, sem interferência direta do adulto (França, 2010).

Porém, França (2010) pede cuidado para que esta falta de interferência por parte do adulto não seja confundida com uma atitude de abandono. A autora afirma que "a educadora deve ter a capacidade de estar atenta e disponível à criança de tal forma que esta pode perceber a presença não-intrusiva do adulto e sentir-se protegida." (França, 2010, p.11). Além disso, Winnicott (Golse, 1998) mostra que, para que a criança não perceba este recuo do adulto como um abandono ou uma falta de investimento, ele também deve achar algum prazer neste retrocesso: esta posição de afastamento permite que a criança se expresse completamente.

Monsú (2012) descreve uma situação na qual um bebê que já se arrastava pelo chão faz uma tentativa de engatinhar. Ela afirma que esta criança possui total liberdade de movimentos e que age guiada pelos seus próprios interesses, uma vez que visava chegar a uma casinha localizada no outro extremo da sala na qual se encontrava. Quando a criança sente segurança em seus movimentos, usa-os como base para experimentar outros. Na situação descrita por Monsú (2012), o menino não recebe ajuda física e nem é instigado a tentar engatinhar, parte da própria vontade em alcançar um objetivo e faz um planejamento de como consegui-lo. As cuidadoras, em ocasiões como esta, devem apoiar a criança "através de olhares e de comentários feitos à distância, que reconhecem as suas conquistas, mas não interferem diretamente na

atividade do bebê.” (Monsú, 2012, p.18). Crianças que são ajudadas em seus movimentos tendem a se tornar passivas e dependentes na sua vida futura. É por este motivo que o adulto não deve estimular e nem ajudar o bebê a realizar sua atividade motora, mas sim estimulá-lo por meio de palavras e de olhares.

Outra forma de auxiliar a criança a se sentir segura no ambiente, sem intervenção constante do adulto, é apresentada por Winnicott como “*objeto transicional*”. No início de sua vida, o bebê passa de um estado de fusão com sua mãe a um estado de percepção do *self*. O seio materno é o primeiro objeto externo com o qual o bebê se relaciona, aos poucos, a mãe apresenta-o ao mundo real proporcionando momentos de desilusão gradual e, assim, auxiliando-o a perceber a existência de objetos e fenômenos fora de seu controle. O primeiro objeto adotado pelo bebê após esta separação (às vezes o dedo, o polegar, o punho na boca, um paninho, bafeiro ou bichinho de pelúcia) é descrito por Winnicott como um objeto transicional que, com a permissão e o reconhecimento dos pais, permite a ilusão de encontrar um suporte na realidade (Winnicott, 1975). Este objeto possui um valor simbólico de união com o objeto materno e, ao estar com ele, a criança relaciona-o a um encontro com sua mãe. Quando as cuidadoras de um berçário permitem que o bebê tenha seu objeto transicional com ele no espaço onde fica, permite também que sua mãe participe do seu dia a dia, mesmo que de maneira ilusória.

O espaço no qual o bebê se encontra também deve ser organizado de forma a auxiliar no seu desenvolvimento. Quando é um ambiente rico e estimulante por si só, construído de forma a proporcionar desafios e sem objetos perigosos ao alcance das crianças, o adulto não possui necessidade de realizar intervenções (Monsú, 2012). A forma como os objetos são dispostos no espaço também contribui para aumentar o interesse do bebê: ambientes com estéticas agradáveis ao olhar atraem a atenção dos pequenos e deixam-os curiosos para explorar. De acordo com Monsú (2012), para que o ambiente respeite cada bebê enquanto indivíduo único, deve ser planejado baseando-se nas necessidades individuais de cada criança. A única função das cuidadoras, neste momento, é perceber os interesses dos bebês através de observações diárias, levando materiais que instiguem estas curiosidades, e organizar situações e ambientes que promovam o crescimento cultural e intelectual das crianças (Mello & Singulani, 2014).

Quando o adulto permite que a criança se movimente em liberdade e desenvolva-se por si mesma, o poder da ação e da experimentação permite que ela se torne e perceba-se como cada vez mais competente (sou eu que faço) e esta percepção serve

como um incentivo para que o bebê continue sua exploração. Além disso, é através da exploração livre que a criança aprende por si só os limites e as leis de seu corpo e dos objetos que a cerca (Bonnaud *et al.*, 2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a discussão realizada anteriormente, é possível concluir que as relações afetivas que são estabelecidas com qualidade dentro dos berçários impulsionam os bebês em direção a um desenvolvimento emocional e cognitivo. Concorde-se com Gurgel (2012) quando ressalta que as pessoas que foram bem cuidadas enquanto bebês, que não se desapontaram e que foram sucedidas no contato com seus cuidadores, crescem com apegos seguros e com confiança em si e no mundo.

Se o corpo fala, a fala corporifica-se e tais processos se erguem sobre a história dos vínculos que foram inscritos. Por isso, o trabalho de berçários que propiciam relações afetivas entre as cuidadoras e os bebês de quem elas cuidam auxilia na formação de indivíduos seguros, espontâneos e preparados para desenvolver relações pessoais íntegras com os outros. Além disso, as crianças que recebem os cuidados descritos anteriormente ampliam seu conhecimento do próprio corpo e suas noções espaciais, pois descobrem por conta própria os movimentos que podem realizar de maneira segura.

O tema abordado traz à tona uma reflexão a respeito da forma como os berçários já existentes em nossa sociedade realizam os cuidados dos bebês que lá ingressam. Quando mudamos nosso ponto de vista e passamos a enxergar os bebês como seres humanos capazes e inteligentes, tanto quanto crianças maiores ou adultos, alteramos também a forma de lidar com estas situações.

Por fim, todas estas considerações não se resumem a treinamentos e mudanças de atitude. Embora não fosse objeto deste trabalho, tais questões são a parte final de um longo processo e não devem encobrir as urgentes preocupações com as condições adequadas de trabalho e com a estrutura institucional necessária.

## Referências

Bonnaud, M., Bonnerot, G., Boucher, C., Castaing, R. M., Célarié, M., Chevalier, B., Lechartier, M. A., & Villeneuve, J. R. (2008). *L'activité libre du jeune enfant: jouets, objets et jeux à proposer de la naissance à trois ans*. Métiers de la petite enfance,

- Elsevier Masson: Paris.
- Borges, I. C. B. (2010). *Cuidar – uma via de mão dupla*. Primórdios-CPRJ, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, pp.73-93.
- Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental (1998). *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF. v.1.
- Deligne, I. (2014). *Curso de aprofundamento na Abordagem Pikler-Lóczy*. Association Pikler Lóczy France, Paris. Palestra inédita não publicada.
- Falk, J. (2011). *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. São Paulo: JM. (2 ed.)
- França, D. B. (2010). *Os cuidados em uma instituição: do corporal ao psíquico*. Texto escrito para a Associação Brasileira de Estudos sobre o Bebê (ABEBE), São Paulo.
- Freud, S. (1915[1996]). *Os Instintos e Suas Vicissitudes*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Golse, B. (1998). *O Desenvolvimento Afetivo e Intelectual da Criança*. Porto Alegre: ArtMed, 3.ed.
- Gurgel, K. M. R. (2011). *A relação mãe-bebê e a adaptação a um berçário: suas influências mútuas*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, DF.
- Kálló, E. e Vámos, J. (produtoras) & Csáti, I. e Horváth, A. (diretores) (2006). *Iniciativa, cooperação e reciprocidade. O tempo do bebê [2]: o banho e o cuidado* [DVD]. França e Hungria: Associação Pikler-Lóczy. Trad.: Rita de Moraes e Roberta Simas.
- Klein, G. C. F. (2010). *Vínculos e suas implicações nas aprendizagens: contribuições da psicanálise à educação*. Monografia de Especialização em Psicanálise e Educação, Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1996) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mello, S. A. & Singulani, R. A. D. (2014). *A abordagem Pikler-Lóczy e a perspectiva histórico-cultural: a criança pequenininha como sujeito nas relações*. Perspectiva, Florianópolis, v. 32, n. 3, pp.879-900.
- Monsú, M. Z. (2012). *Os princípios de Lóczy e a prática pedagógica na educação de bebês*. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Monteiro, M. C. (2004). *Um coração para dois: a relação mãe-bebê cardiopata*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ.
- Oliveira, Sidney N.(2011). *Educar para os Direitos Humanos em Época de Violência e Intolerância: Reflexões Psicanalíticas*. Anais do I Congresso Internacional de Saúde Mental. Unicentro: Irati.
- Oliveira, S. N. *Psicanálise, práticas escolares e direitos humanos*. Revista AdVerbum, v. 5, n. 1, p. 3-9, jan./jul. 2010. Disponível em: . Acesso em: 9 maio 2014.
- Piccinini, C. A., Moura, M. L. S., Ribas, A. F. P., Bosa, C. A., Oliveira, E. A., Pinto, E. B., Schermann, L., & Chahon, V. L. (2001). *Diferentes Perspectivas na Análise da Interação Pais-Bebê/Criança*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 14(3), pp.469-485.
- Tardos, A. (2011). *Being with babies*. Exchange magazine, september/october, pp. 86-88. Trad. Mariana Discacciati.
- Seabra, K. C. & Moura, M. L. S. (2005). *Alimentação no ambiente da creche como contexto de interação nos primeiros dois anos de um bebê*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 1, pp.77-86.
- Siqueira, L. A. & Andriatte, A. M. (2001). *Um estudo observacional sobre o vínculo afetivo de bebês abrigados em instituições*. Boletim de Iniciação Científica em Psicologia, 2(1), pp.8-25.
- Svartman, B. (2000). *Winnicott: conceitos que abrem novos caminhos*. Revista da SPAGESP, 1(1), 117-125. Recuperado em 17 de novembro de 2015, de "http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1677-"http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1677-29702000000100016

Szanto-Feder, A. (2011). *Una mirada adulta sobre el niño em acción: el sentido del movimiento en la proto infancia*. Buenos Aires: Ediciones cinco.

Vabre, M. (2006). *En Lóczy el "moverse" es, para el infans, la esencia del existir*. In: Szanto-Feder, A. (2006). *Lóczy: un nuevo paradigma? El Instituto Pikler es un espejo de múltiples facetas*. Mendoza: EDIUNC.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1997). *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.

\_\_\_\_\_. (2006). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.

Zimmerman, D. E. (2008a). *Manual de técnica psicanalítica [recurso eletrônico]: uma revisão*. Porto Alegre, Artmed.

\_\_\_\_\_. (2008b). *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise [recurso eletrônico]*. Porto Alegre, Artmed.

## Notas

<sup>1</sup> "A 'mãe' suficientemente boa (não necessariamente a própria mãe do bebê) é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração. Naturalmente a própria mãe do bebê tem mais probabilidade de ser suficientemente boa do que alguma outra pessoa, já que essa adaptação ativa exige uma preocupação fácil e sem ressentimentos com determinado bebê; na verdade, o êxito no cuidado infantil depende da devoção, e não de "jeito" ou esclarecimento intelectual." (Winnicott, 1975, p.25).

RECEBIDO EM: 01/05/2017  
PRIMEIRA DECISÃO EDITORIAL: 10/10/2017  
VERSÃO FINAL: 24/01/2018  
APROVADO EM: 23/03/2018